

A VIDA DRAMÁTICA E O PROJETO DE UMA PSICOLOGIA CONCRETA EM GEORGES POLITZER

LA VIDA DRAMÁTICA Y EL PROYECTO DE UNA PSICOLOGÍA CONCRETA EN GEORGES POLITZER

DRAMATIC LIFE AND THE PROJECT OF A CONCRETE PSYCHOLOGY IN GEORGES POLITZER

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v18i1.72084>

Luiza Miranda Furtuoso¹

Marcelo Dalla Vecchia²

Resumo: O artigo analisa a obra de Georges Politzer, com ênfase na noção de drama e no projeto de uma Psicologia concreta, em resposta à crise da Psicologia. A partir de uma análise imanente de seus textos – incluindo um escrito inédito em português –, examinam-se as interpelações dirigidas a Freud e a Henri Bergson, visando esclarecer os fundamentos e o alcance crítico de sua proposta.

Palavras-chave: Drama. Subjetividade-objetividade. Georges Politzer. Psicologia concreta. Crise da Psicologia.

Resumen: El artículo analiza la obra de Georges Politzer, con énfasis en la noción de drama y en el proyecto de una Psicología concreta, en respuesta a la crisis de la Psicología. A partir de un análisis immanente de sus textos – incluyendo un escrito inédito en portugués –, se examinan las interpelaciones del autor a Freud y a Henri Bergson con el fin de esclarecer los fundamentos y el alcance crítico de su propuesta.

Palabras clave: Drama. Subjetividad-objetividad. Georges Politzer. Psicología concreta. Crisis de la Psicología.

Abstract: The article analyzes the work of Georges Politzer, with emphasis on the notion of drama and the project of a concrete Psychology, in response to the crisis of Psychology. Based on an immanent analysis of his texts – including an unpublished text in Portuguese – it examines the author's critiques of Freud and Henri Bergson in order to clarify the foundations and critical scope of his proposal.

Keywords: Drama. Subjectivity-objectivity. Georges Politzer. Concrete Psychology. Crisis of Psychology.

Introdução

No contexto brasileiro, no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, Georges Politzer³ ficou inicialmente conhecido como autor de um manual de Filosofia amplamente difundido, traduzido para o português sob o título de *Princípios fundamentais de filosofia*⁴. No entanto, a trajetória de Politzer ultrapassa os limites da obra didática: figura central da vida intelectual francesa do período entreguerras, participou ativamente da criação da revista *La Pensée* (1939), ao lado de Paul Langevin e Georges Cogniot, colaborou nos *Cahiers du bolchévisme* (1935-1939) e, já no contexto da ocupação nazista, engajou-se na produção das

publicações clandestinas de *La Pensée libre* (1941-1942) e *L'Université libre*. Fundou também, em julho de 1941, o projeto das *Lettres françaises*, que se concretizou mais adiante com J. Paulhan (Bruyeron, 2002).

Em agosto de 1940, Georges Politzer optou pela clandestinidade, unindo-se à Resistência Francesa. Seu engajamento, contudo, não se restringiu à luta política direta: estendia-se também ao campo intelectual, no combate ao irracionalismo e às construções ideológicas do nazismo. Esse combate intelectual se reflete na escolha da expressão “...*mehr Licht*” [mais luz], recuperada de Goethe, e em destaque no primeiro número da revista *La Pensée libre*, de 1941, cujo editorial foi redigido por ele – embora não assinado, em razão das condições clandestinas da publicação. Nesse momento, Politzer denuncia a interdição da vida intelectual francesa sob o regime de Vichy e sob a ocupação nazista, afirmando que apenas a “literatura da traição” é permitida, ao passo que toda produção vinculada a uma tradição crítica e independente da cultura francesa é sistematicamente reprimida (George, 2019, p. 62). *Mebr Licht* simboliza a aspiração por “mais luz” diante do obscurantismo do século XX.

É nesse contexto que surgem os textos “O obscurantismo no século XX” [*L’obscurantisme au XX^e siècle*], publicado em *La Pensée libre*, nº 1 de fevereiro de 1941, e “Revolução e contrarrevolução no século XX, uma resposta a Sangue e ouro [*Sang und Gold*], de Rosenberg” [*Révolution et contre-révolution au XX^e siècle, réponse à Sang et or de M. Rosenberg*], publicação clandestina de março de 1941. Também publicou textos sob os pseudônimos Th. W. Morris e Rameau, entre eles, “La fin de la psychanalyse” [O fim da psicanálise], no terceiro número da revista *La Pensée* de 1939. Há também escritos não assinados cuja autoria lhe é atribuída (Bruyeron, 2002).

Sua trajetória intelectual, marcada pelo rigor da crítica filosófica e por um profundo compromisso com a transformação social, revela também uma importante e menos explorada dimensão: seu engajamento no campo da Psicologia. Dedicou-se ao estudo da crise da Psicologia, com o objetivo de formular o projeto de *uma nova Psicologia*, sobretudo em *Critique des fondements de la psychologie* [Crítica dos fundamentos da psicologia] e *La crise de la psychologie contemporaine* [A crise da psicologia contemporânea].

Embora raramente tenham sido objeto de análise direta, os escritos de Politzer não permaneceram desconhecidos. Segundo Bianco (2016), Politzer foi alvo de um fenômeno de “obliteração por incorporação”: suas formulações foram assimiladas por outros autores, ainda que sem a devida menção a seu nome. O organizador da coletânea *Georges Politzer, le concret: Psychologie, philosophie et politique et sa signification* [Georges Politzer, o concreto: Psicologia, filosofia e política e seu significado], publicada em 2016, apresenta exemplos da repercussão – ainda que velada – de suas ideias em pensadores como Merleau-Ponty, Sartre, Lacan, Ricoeur e Lagache⁵, cuja obra dialoga com conceitos politzerianos sem, no entanto, reconhecê-los abertamente. Em síntese, Politzer foi uma fonte subterrânea, mas decisiva, para diversas transformações centrais do pensamento francês no século XX.

Bianco (2016) destaca que, por outro lado, Politzer foi uma base explicitamente apresentada em Lucien Sève, que também se propôs a pensar a Psicologia, a crítica às abordagens mais tradicionais e a recuperar o pensamento de Marx com ênfase no tema da personalidade. Nesse sentido, Politzer é uma

referência presente ao longo de *Marxisme et théorie de la personnalité* [Marxismo e teoria da personalidade], obra publicada em 1969 pela Éditions Sociales.

Enquanto dirigente do Partido Comunista Francês, Sève se distanciou da linha teórica defendida por Althusser, especialmente no que diz respeito à tese althusseriana do suposto anti-humanismo teórico de Marx. Em entrevista concedida a F. Lemoine, em 1969, referiu-se ao projeto de Politzer como “genial, mas infelizmente prematuro” quando concebido quarenta anos antes, acrescentando que ele deveria, enfim, ser levado adiante e concretizado. A postura de Sève contrastava com a do partido naquele período, que buscava recuperar Politzer em uma acepção mais restrita à figura do militante comunista que morreu heroicamente (Bianco, 2016, p. 7).

Politzer também é uma referência para Vigotski, que não apenas se ocupa de temas centrais para o autor radicado na França – como o exame da crise da Psicologia e a proposta de uma nova Psicologia –, mas que também recupera, nos *Manuscritos de 1929*, a noção politzeriana de *drama*. Para o autor bielorrusso, o desenvolvimento não pode ser pensado como um processo linear, mas por meio de contradições dialéticas, que movem o desenvolvimento dos indivíduos. Nesse sentido, afirma, com base em Georges Politzer: “a psicologia deve ser desenvolvida nos conceitos de *drama*, não nos conceitos de processos [atividade cerebral]” (Vygotsky, 1989, p. 71, grifo nosso, tradução nossa), noção esta que poderá ser desdobrada adiante.

Essa citação revela o breve, porém profícuo, contato de Vigotski com a obra de Politzer, pensadores que, embora provenientes de contextos distintos, compartilham objetos teóricos comuns, como a crítica à Psicologia e a defesa de uma ciência enraizada na vida concreta. Em ambos, a noção de processo não se refere a algo linear ou estático, nem a meras atividades ou funções cerebrais, como comumente concebido pela Psicologia tradicional, mas ganha sentido a partir da ideia de *drama*, que introduz dinamicidade, tensão e contradições dialéticas no curso do desenvolvimento humano.

Em um texto introdutório a uma obra dedicada a Vigotski, o psicólogo do trabalho Yves Clot refere-se à trajetória do pensador bielorrusso como *fulgurante* (Clot, 2024, p. 21). Acredita-se que tal adjetivo pode ser atribuído também ao filósofo de origem húngara, por evocar a noção de uma trajetória igualmente veloz e intensa, mas também brilhante. A brevidade de suas existências, interrompidas antes do quadragésimo aniversário de ambos, não constitui o único ponto de contato entre esses pensadores de origens distintas, mas que viveram e desenvolveram uma produção intelectual fecunda em meio à turbulência da primeira metade do século XX. Cada um, a seu modo, dedicou-se a repensar a Psicologia e suas abordagens tradicionais, desde os fundamentos, propondo novos caminhos.

A seguir, examinaremos a fundamentação proposta por Politzer, com ênfase na noção de *drama* e na proposta de uma *Psicologia concreta*, em face do problema da crise da Psicologia, temas profundamente interligados em sua obra.

Da crítica dos fundamentos ao problema da crise da Psicologia

Nos momentos iniciais de *Crítica dos fundamentos da Psicologia*, Politzer observa que é difícil demonstrar a morte de uma teoria aos seus próprios representantes. Essa breve afirmação sintetiza dois elementos fundamentais de sua elaboração teórica: por um lado, a crítica à Psicologia de sua época, inclusive às atualizações então emergentes, que se apresentavam sob uma roupagem pretensamente inovadora; por outro, a concepção do desenvolvimento histórico das teorias, que abrange não apenas seu surgimento, mas também seu perecimento – uma postura radicalmente contrária à dogmatização.

Politzer assumiu, então, um projeto intitulado *Matériaux pour la critique des fondements de la Psychologie* [Materiais para a crítica dos fundamentos da Psicologia], concebido originalmente em três volumes (Politzer, 1973a, p. 37). Infelizmente, não chegou a concluí-lo. Seu objetivo era, por meio de uma análise rigorosa, examinar as três principais correntes então predominantes no campo da Psicologia: a psicanálise, o behaviorismo e a *Gestalt*. O trabalho de Politzer avançou apenas no que concerne à primeira dessas tendências, com especial ênfase na psicanálise freudiana, a qual pretendemos enfocar aqui. Ainda assim, desenvolveu contribuições relevantes sobre as demais correntes, com críticas aos seus pressupostos que extrapolam os limites de cada programa específico. Tais pressupostos remetem à antiga oposição entre idealismo e mecanicismo e às diferentes formas pelas quais se equaciona o problema da relação entre subjetividade e objetividade.

Para Politzer (1973a), a análise crítica não se reduz a um posicionamento partidário ou a um mero oposicionismo. Quando se refere às principais tendências da Psicologia, ele afirma que “o trabalho da crítica é precisamente desmontá-las peça por peça, para lhes desvendar os processos constitutivos e os postulados que lhes são implícitos” (p. 36), seguindo esse movimento até suas últimas consequências. Tal postura torna-se particularmente evidente no tratamento que dedica à psicanálise, sobretudo em relação à obra *Die Traumdeutung* [*A interpretação dos sonhos*], de Freud. Politzer deixa claro que seu objetivo é revelar os modos pelos quais o pensador austríaco elabora e estrutura sua teoria psicanalítica. Nesse sentido, afirma: “não basta fazer a Freud uma crítica vaga de intelectualismo ou associacionismo; é necessário destrinçar com rigor os procedimentos que justificam essa crítica” (p. 42).

Nesse sentido, Politzer adota uma postura de respeito aos próprios textos e autores que analisa, construindo sua argumentação a partir deles, e não com base em pressupostos externos ou julgamentos de ordem moral. Trata-se de um autor que não hesita em formular críticas severas, ao mesmo tempo em que é capaz de reconhecer os méritos presentes nas teorias que estão no centro de sua crítica. Ainda que não seja possível nos aprofundarmos aqui, é importante destacar que, embora recuse a psicanálise – como não deixa dúvidas o título de um de seus textos⁶ –, Politzer não deixa de reconhecer os progressos presentes na obra de Freud, ainda que apoiados em uma base que o impede de alcançar resultados mais concretos.

Uma vez que Politzer pôde desenvolver com maior profundidade sua tematização acerca da psicanálise – sobretudo a partir da proposta freudiana de interpretação dos sonhos –, dedicaremos a seção seguinte a seu exame. Tal aprofundamento, contudo, não pode ser compreendido isoladamente,

mas deve ser situado no interior de seu projeto crítico mais amplo, inscrevendo-se no quadro mais geral da crise da Psicologia.

Aproximação e abandono do concreto: Freud em Die Traumdeutung

Segundo Bruyeron (2016, p. 93), Politzer compreende que Freud apostou no conhecimento do indivíduo em sua singularidade, em seus gestos e expressões, que para ele formam o conteúdo do *drama*. Considerando que a dramaticidade da experiência humana é um ponto central no projeto de Politzer, seu reconhecimento é positivo; porém, e isso deve ser destacado como decisivo, para Politzer, o drama em Freud assume um caráter impessoal e não concreto (Politzer, 1973a, p. 165).

Em sua *Crítica*, ele afirma que a Psicologia clássica é responsável por entender os “acontecimentos vividos pelo sujeito” de forma puramente conceitual, a exemplo: “o meu filho chora porque o vão deitar. Para a Psicologia clássica, trata-se apenas de secreção lacrimal” (Politzer, 1973a, p. 73-74). Em uma direção oposta, analisando a *Traumdeutung*, ele postula que Freud busca o sentido do sonho, não se atendo a um estudo abstrato e formal dos seus elementos, para a qual os “figurantes sejam excitações fisiológicas e cuja intriga seja constituída pelo seu passeio através das células cerebrais” (p. 75). Isto é, o sonho é associado à experiência individual concreta, e não a uma simples “excitação através das células cerebrais.” E aqui, não está ainda em questão como Freud faz isso, propondo que o sonho consiste na realização de um desejo.

Politzer sustenta que na *Traumdeutung* há o antagonismo entre duas tendências da Psicologia: a clássica/abstrata e uma que se orienta para o concreto. Reconhece, então, a postura da psicanálise freudiana de orientar-se para a experiência individual concreta, sem reproduzir em *stricto sensu* conclusões genéricas sobre cada fato particular e sem se ater a mera constatação de um acontecimento. Ou seja, para ele, Freud possui o mérito de não abandonar o plano do indivíduo. Ele é responsável por uma ruptura com a Psicologia clássica, aquela que conceberia o sonho como um conjunto de imagens projetadas em um *écran*, destacando o sonho do sujeito que sonha. Essa Psicologia clássica é responsável por um *objetivismo*, por propor um método da *terceira pessoa*, desconsiderando a vida concreta do indivíduo.

Politzer não deixa de criticar essa Psicologia, afirmando que, ao excluir o eu dos fatos psicológicos, a Psicologia clássica se converte em pura e simples fabulação. Ela projeta um exterior no interior, de onde tenta, em vão, fazê-lo sair. Procura desdobrar “o mundo para construir uma ilusão e tentar depois fazer dessa ilusão uma realidade”, além de, depois, se cansar dessa “alquimia” sob a afirmação de que seriam esses falsos problemas (Politzer, 1973a, p. 66-67). Trata-se de uma denúncia radical dos próprios fundamentos sobre os quais a Psicologia clássica se edificou. Ao reduzir a subjetividade a um reflexo do mundo exterior e ao tentar fazer sua recomposição de modo artificial, essa Psicologia se perde em construções conceituais vazias, incapazes de dar conta da experiência efetiva do sujeito. Essa “alquimia”, a que alude Politzer, traduz o esforço infrutífero de transformar abstrações em realidades, e para a qual

O sonho passa assim a ser uma coleção de *estados em si*, um conjunto de estados na terceira pessoa. Sem relação com o sujeito em que se produza o sonho fica por assim dizer suspenso no vácuo; é uma ressonância que nasce por acaso e morre quando a sua energia se esgota. (Politzer, 1973a, p. 58, grifos do autor)

Segundo o autor, enquanto a Psicologia clássica se ocupa de dramas puramente conceituais, Freud consegue trazer à tona a noção de sujeito, marcado por acontecimentos únicos, como ator da vida dramática, e não apenas como um sujeito da introspecção. O próprio eu não é, distintamente de como concebe a Psicologia clássica, causa, reflexo de uma função geral, mas agente de um ato considerado em sua determinação singular, e que existe por inteiro em cada um de seus acontecimentos vividos, de modo que: “não se apela para uma causa vazia de sentido e de conteúdo, mas para um sujeito qualificado precisamente pelos acontecimentos e existindo por inteiro em cada um desses acontecimentos” (Politzer, 1973a, p. 75, grifos do autor). É *o eu da vida cotidiana*. Nessa direção, o sonho é um acontecimento da vida do indivíduo ou, nas palavras do autor, “é um segmento da vida do indivíduo particular”⁷, pois apenas “é possível explicá-lo reportando-o ao *eu*, o que significa determinar-lhe o sentido enquanto momento no desenrolar de um conjunto de acontecimentos cuja totalidade designamos por vida, a vida do indivíduo particular” (Politzer, 1973a, p. 75).

Politzer defende que os fatos psicológicos devem ser entendidos como partes da vida do indivíduo, e não como fenômenos isolados, em termos formais. Ele expressa ainda, de maneira direta, que os fatos psicológicos são *segmentos da vida do indivíduo particular* e, para ilustrar, usa a metáfora da lâmpada. Uma ciência em terceira pessoa pode descrevê-la objetivamente, analisando sua estrutura, seus componentes e os processos responsáveis pela emissão de luz. Nessa perspectiva, a lâmpada aparece como um objeto dotado de determinadas propriedades físicas. Já uma análise em primeira pessoa não toma a lâmpada apenas como objeto, mas como elemento de uma situação concreta. Por exemplo, a mesma lâmpada pode assumir características distintas conforme o contexto em que se encontra: sua luz pode ser indispensável para alguém que lê durante a noite, pouco relevante em uma sala iluminada pela luz do dia; a depender do ambiente em que ela está, sua luz pode ser mais fraca ou mais forte. Nesse sentido, Politzer enfatiza que não se pode “quebrar a unidade do objeto lâmpada”, ela é a ampola, os filamentos, toda sua parte interna, o que faz com que ela emita luz, mas também, como no exemplo de Politzer, o escritório, o ambiente em que ela está. Assim, a lâmpada não é compreendida apenas por suas características objetivas, mas pela função que assume em uma situação concreta. De modo análogo, os fatos psicológicos não podem ser reduzidos à descrição de processos isolados, devendo ser compreendidos em relação à vida concreta do indivíduo e às circunstâncias nas quais adquirem significado (Politzer, 1973a, p. 73).

Enfatiza ainda que “o ato do indivíduo concreto é a *vida*, a vida singular do indivíduo singular, ou seja, *a vida no sentido dramático da palavra*” (Politzer, 1973a, p. 72, grifos do autor). O emprego de *dramático* sugere que a vida de cada indivíduo é uma sequência de acontecimentos únicos e significativos, carregados de sentido, conflitos e experiências próprias, que não pode ser tomada abstratamente, do ponto de vista formal. As categorias devem estar no mesmo plano que o indivíduo concreto, isto é, devem partir do concreto, e não do ponto de vista formal.

Em outras palavras, só é possível falar do sonho reportando-se ao sujeito que sonha. No entanto, e aqui começam a sobressair as diferenças, Politzer destaca que na teoria “sonho-desejo”, o sonho transforma-se em um ato, sendo ao mesmo tempo conteúdo e motivo para o sonho. Por sua vez, para a Psicologia concreta, tal como ele defenderá, não há e nem pode haver uma realidade psicológica por si só, seja no sonho, ou na ideia, emoção, vontade etc., como ele menciona. Não há uma realidade isolada, puramente psicológica, mas uma realidade concreta.

Ele se manifesta como contrário à tendência de isolamento dos “fatos psicológicos”, pois tal isolamento caracteriza uma restrição ao plano da abstração. Para Politzer, quando a Psicologia utiliza como chave explicativa exclusiva os estados do sistema nervoso, cai naquilo que o autor chama de “mitologia do cérebro” [*Gehirnmythologie*], afastando-se do saber concreto. Essa mesma Psicologia é acusada por Politzer de se manter à superfície, presa à linguagem e à constatação repetitiva (“uma repetição fatigante e ridícula”), sem alcançar uma verdadeira compreensão dos fatos humanos (Politzer, 1973a, p. 94-95).

Politzer critica o modo como a Psicologia clássica trata os fenômenos psicológicos, que ao eliminar o caráter concreto e individual dos fatos, substitui-os por generalidades vazias. Isso leva a uma tautologia, em que cada caso particular acaba sendo explicado apenas pela repetição das mesmas fórmulas genéricas, sem realmente iluminar o fenômeno em si. Ele ilustra com a explicação dos sonhos pela “excitação das células cerebrais”, que não acrescenta nada à compreensão do conteúdo específico de cada sonho, desperdiçando o material rico que eles oferecem – algo que Freud, segundo Politzer, teria sido o primeiro a explorar de fato. E ainda que a Psicologia clássica possa reconhecer significados individuais, Politzer observa que ela os limita ao modo como cada um vivencia o fato psicológico, à sua unicidade qualitativa, sem vinculá-los ao drama concreto da existência. Assim, a individualidade acaba reduzida a um simples matiz subjetivo, e não compreendida como dimensão essencial para a apreensão do fato psicológico em sua complexidade (Politzer, 1973a, p. 127).

Se a Psicologia busca explicar a vida psicológica, ela deve partir do plano em que ela acontece, do indivíduo e seus atos, sem “munir-se de viseiras” e sem recortar “um domínio formal e funcional” (Politzer, 1973a, p. 96-97). Nesse sentido, Freud também se aproxima do concreto, segundo Politzer, ao abordar as neuroses, não oferecendo uma perspectiva como a da Psiquiatria clássica, que as concebia apenas como entidades nosológicas encarnadas pelos indivíduos e independentes de sua concretude. Para Freud, elas se manifestam como atos individuais, inseparáveis da vida do sujeito (p. 99).

Porém, ainda que Freud, a princípio, não isole e anule o sujeito, ele não deixa de ser alvo das críticas de Politzer. Se por um lado ele se orienta ao concreto, por outro, incorre em problemas que impedem maiores avanços. Posteriormente, Politzer examina mais detidamente os fenômenos do deslocamento, regressão, resistência e recalçamento, chegando até a proposta do inconsciente freudiano. Aqui, as críticas de Politzer serão mais incisivas. A noção de inconsciente é designada como fictícia, mistificadora, impondo-se no lugar de uma “narrativa efetiva”. No caso do sonho, a busca por entendimento da

experiência individual, abandona o concreto, para se fechar no único conteúdo válido para Freud: o *conteúdo latente*.

Não esqueçamos que os elogios à psicanálise freudiana, da parte de Politzer, são apresentados em uma obra cujo título remete à *crítica dos fundamentos*. É a partir do terceiro capítulo da *Crítica*, intitulado “*A estrutura teórica da psicanálise e as sobrevivências da abstração*”, que os contrapontos de Politzer se tornam mais evidentes. Para ele, a psicanálise estabelece um compromisso entre a Psicologia clássica e uma nova Psicologia, a concreta. Em outras palavras, ela se insere no interior do antagonismo, do conflito então em curso, entre uma Psicologia tradicional e as novas propostas que emergiam naquele período.

É nesse horizonte que a interlocução crítica com a psicanálise ganha relevância. Ao mesmo tempo em que identifica nela um avanço no reconhecimento da vida e da experiência concreta e subjetiva, Politzer não deixa de problematizar seus pressupostos teóricos, situando-a no debate mais amplo acerca da constituição da Psicologia e de sua crise enquanto disciplina. Segundo ele, há um “conflito agudo entre a atitude concreta e a atitude abstrata no seio da psicanálise”, e esta deve ser avaliada não apenas em relação a uma ou outra tendência da “Psicologia oficial”, mas sobretudo a partir da Psicologia concreta “que ela inicia” (Politzer, 1973a, p. 141, grifos nossos).

Esse ponto é decisivo: a psicanálise inicia, mas não conclui; aproxima-se, mas não avança. Segundo a formulação politzeriana: “não basta constatar a presença de uma inspiração concreta na psicanálise; é ainda necessário mostrar a que ponto ela chega, como e porque cessa a sua influência no domínio das explicações” (p. 141-142). Embora Freud inicie sua obra respondendo às exigências da Psicologia concreta nos primeiros capítulos de *Die Traumdeutung*, a sequência da teorização freudiana só é compreensível tendo em consideração o conteúdo latente e o modo como ele irá interpretá-lo. Tomando isso como base, nosso autor afirma que “Freud não soube [se] libertar dos procedimentos constitutivos da psicologia clássica” (Politzer, 1973a, p. 144).

Ao introduzir a noção de inconsciente, a partir da separação entre conteúdo latente e manifesto, Freud postula que a consciência tem alcance limitado. Ela não abrange todo o conjunto dos processos psíquicos, mas surge apenas como um acréscimo a processos que, em sua essência, permanecem inconscientes. Para demonstrar o seu argumento, Politzer cita uma passagem de *A interpretação dos sonhos*

O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real, nos é tão desconhecido em sua natureza interna como o real do mundo exterior, e nos é dado pelos dados da consciência de maneira tão incompleta como o é o mundo exterior pelas indicações de nossos órgãos sensoriais. (Freud, 1900/1982, p. 580; 1900/1998, p. 600)

Para o autor, a noção de inconsciente não decorre da vida real, mas é estabelecida *a priori*, “devida ao fato de os psicanalistas se servirem da psicologia clássica no enquadramento teórico dos fatos” (Politzer, 1973b, p. 49). Em outras palavras, a orientação concreta acaba cedendo lugar ao procedimento típico da Psicologia abstrata, mesmo quando Freud acreditava escapar de muitas objeções ao propor uma teoria moderna como a do inconsciente. Politzer é enfático: “o inconsciente dos psicanalistas só tem de dinâmico o nome.” Assim, para ele, a noção de inconsciente não apenas mantém viva a

abstração da Psicologia clássica, mas constitui um equívoco fundamental, razão pela qual deve ser rejeitada. Isso fica evidente na seguinte passagem

O sujeito sonhou: é o máximo que lhe podemos exigir [...] Em suma, o conteúdo latente, isto é o conhecimento do sentido do sonho, não pode ser *anteriormente à análise* nem consciente nem inconsciente: não existe, pois a ciência não resultaria então da obra do sábio. (Poltzer, 1973b, p. 63-64, grifos do autor)

Outros aspectos destacados por Poltzer referem-se à noção de “censura” no campo da ciência e à sua concepção como órgão de percepção. Mais adiante, o autor observa que Freud teria substituído o drama concreto do indivíduo por um drama impessoal, no qual a teoria do deslocamento já não se refere a um sujeito real, mas à evolução autônoma das representações (Poltzer, 1973a, p. 165). Isto é, Freud não escapa da explicação por meio do drama impessoal, da terceira pessoa. Por exemplo, quando aborda o tema da regressão, indica que na teoria de Freud “não é o sujeito que age”, mas a representação “que consegue abrir um novo caminho para penetrar na consciência” (p. 172).

Poltzer é crítico à linguagem empregada por Freud, não como um problema isolado de estilo, mas como um indício da autonomia excessiva que este confere aos processos analisados, que “nesse caso, não podem ser *psicologicamente* reais” (Poltzer, 1973a, p. 178, grifo do autor). Além disso, aponta que Freud recorre a noções genéricas, como a de necessidades biológicas e de adaptação à vida, o que o aproxima mais da biologia⁸ do que de um conhecimento efetivo do indivíduo concreto, fazendo-o incorrer no mesmo problema que ele próprio havia denunciado.

Poltzer critica fortemente a forma como a psicanálise se afasta do fato psicológico enquanto segmento da vida individual concreta. Para ele, o que deveria ser compreendido no contexto da existência singular do sujeito é transformado em um “jogo de excitações e de representações”, no qual tudo reencontra no psíquico, desligando-se da vida real (Poltzer, 1973a, p. 183). Ao criar um mundo psíquico com um *devoir* e processos *sui generis*, do qual a consciência não se apercebe amplamente, Freud acabaria por afastar o estudo do sujeito de sua realidade concreta.

Outros pontos centrais da crítica dizem respeito à redução dos fatos concretos a categorias abstratas e à impessoalidade dos processos psíquicos. Desejos inconscientes, elaborações pré-conscientes e deslocamentos de intensidade passam a ser tratados como fenômenos da terceira pessoa, sem que a *atividade humana* efetiva seja considerada, demonstrando que a teoria, ao buscar autonomia e universalidade irrestritas, acaba por comprometer a compreensão do sujeito singular e de sua experiência vivida e ativa.

Se a Psicologia clássica se prende à superfície, repetindo fatos humanos sem compreendê-los verdadeiramente, a psicanálise mergulha nas profundezas do inconsciente apenas para transformar o sujeito em abstração. Assim, nem a superfície repetitiva nem as profundezas do conteúdo latente alcançam a vida concreta: a realidade do indivíduo escapa à teoria, e a aparente profundidade revela-se como um afastamento do que realmente existe.

Aqui se encontra o ponto de chegada das formulações poltzerianas: embora ultrapassem as “querelas domésticas da psicologia clássica”, rompendo “pela primeira vez com os lugares comuns do

associacionismo, da lógica e das profissões de fé dinamistas”, as formulações de Freud revelam-se incompatíveis com a Psicologia concreta, da qual teria sido fundador. Contudo, restringir o alcance das conclusões de Politzer apenas a Freud seria um equívoco, pois, como o próprio autor ressalta, não se trata de deficiências individuais. Ou seja, não se trata de entender tais limites como erros pessoais de Freud (Politzer, 1973a, p. 188-189), mas de iluminar a oposição entre o concreto e o abstrato em suas bases, mostrando que não se trata de um problema inaugurado por Freud, mas já presente nos fundamentos de sua teoria.

Politzer reconhece, entretanto, os limites de suas críticas ao afirmar: “seria lícito pensar-se que, quanto a isso, as nossas afirmações não ficam suficientemente fundamentadas no capítulo que agora encerramos” (Politzer, 1973a, p. 190). Podemos acrescentar que o mesmo esforço de examinar rigorosamente outras obras, destacando os êxitos e fragilidades, pode ser estendido a fim de ampliar o alcance do trabalho outrora realizado por Politzer. Ainda assim, é preciso reconhecer o papel fundamental desempenhado pelo autor em uma obra inacabada que, ao criticar a Psicologia desde seus fundamentos, abre possibilidades para fecundos desdobramentos atuais.

Desse modo, sustentamos que todo o itinerário de recuperação, ainda que breve, dos elementos presentes na *Crítica* de Politzer a Freud afirma a necessidade de retorno às bases, tal como o autor se propôs a realizar com o pensador austríaco, chegando ao alcance de “críticas que põem em causa as bases do esquema freudiano e não apenas a sua forma.” Trata-se, portanto, de um exame crítico voltado aos fundamentos e não apenas às teorias em si, e, a partir deles, “sendo necessário então ir até ao fim” (Politzer, 1973a, p. 190).

O concreto é compreensível, presente e vivo se visto sem ilusões: elementos da crítica a Bergson

Dando continuidade ao exame da crítica de Politzer aos fundamentos da Psicologia, passa-se agora à análise de sua avaliação do pensamento de Henri Bergson, desenvolvida sobretudo em *Le bergsonisme: une mystification philosophique* (Politzer, 1947a), publicado pela primeira vez em 1947 pela Éditions Sociales. Trata-se de uma crítica a Bergson (1859-1941), filósofo francês de grande influência na primeira metade do século XX. O objetivo aqui não é estabelecer uma periodização da crítica politzeriana nem reconstruir a obra de Bergson, mas destacar alguns elementos gerais da crítica dirigida ao filósofo francês, à luz do projeto de Politzer.

Para introduzir, convém destacar as próprias palavras de Politzer em seu texto dedicado especificamente ao tema da crise: “parece, ao menos à primeira vista, que a Psicologia não sofre hoje de um excesso de dogmatismo, mas de um excesso de crítica” (Politzer, 1947b, p. 19, tradução nossa). Segundo o autor, apesar das reiteradas objeções dirigidas à Psicologia clássica, mesmo as correntes que se apresentam como “novas” ou “críticas” acabam por reproduzir os mesmos fundamentos daquela. É o caso, por exemplo, da chamada Psicologia científica, que se define em oposição a uma Psicologia considerada pré-científica, como se de fato tivesse superado definitivamente seus limites e se constituído como ciência. As críticas à Psicologia clássica, pelo seu caráter abstrato, pela redução do objeto de estudo a

elementos funcionais ou biologizantes, por seu afastamento da vida tal como efetivamente se apresenta, tornaram-se, segundo Politzer, um verdadeiro lugar-comum. De modo irônico, o autor observa que, se tomássemos esses *lieux communs* como critério, a Psicologia clássica já estaria, por esse acúmulo de reprovações, derrotada. É nesse ponto que Politzer introduz sua argumentação: “ainda que os representantes mais avançados do novo movimento falem de uma revolução na Psicologia, procura-se demonstrar contra eles que não há absolutamente nenhum abismo entre a Psicologia nova e a da geração precedente” (p. 23, tradução nossa).

Desse modo, a crítica a Bergson e ao bergsonismo comparece como um tema fundamental da obra de Politzer, permitindo ao autor não só demarcar a atualidade do problema da crise, quanto da necessidade de se pensar uma nova Psicologia. Politzer afirma que, quando Bergson empreende sua crítica da Psicologia clássica, ele não rompe efetivamente com ela. Ele não abandona o ponto de vista formal e abstrato dessa Psicologia, que trata os fenômenos psíquicos em termos de funções gerais (memória, percepção, atenção, etc.), sem relação com a vida concreta. O que Bergson faz é simplesmente trocar a linguagem “mecanicista” por uma linguagem “dinamista” (*movimento, duração, fluxo vital*). Ou seja, muda o vocabulário, mas não o fundamento (Politzer, 1947b, p. 22).

Ao voltar-se para Bergson, Politzer reconhece que o filósofo francês percebeu uma limitação essencial da Psicologia clássica: sua incapacidade de conceber o indivíduo em sua totalidade concreta, reduzindo-o a um feixe de funções que se desfaz ao menor contato, “como um cristal mágico”. No entanto, Bergson não ultrapassa, segundo Politzer, o horizonte abstrato que denuncia. Para ele, bastaria uma correção formal para que a Psicologia alcançasse um estatuto concreto, como se o nascimento de uma nova Psicologia fosse apenas questão de reforma, e não de uma radical mudança desde os seus fundamentos. É nesse ponto que se evidencia a crítica politzeriana: Bergson reconhece alguns dos problemas, mas não rompe com os fundamentos que os sustentam, permanecendo prisioneiro do mesmo formalismo que pretendia superar.

Politzer enfatiza, com isso, a limitação de uma crítica que ainda se atém aos fundamentos do que se critica, como, por vezes, o caráter “aparentemente novo” de uma “nova Psicologia”, mantém os fundamentos clássicos, apenas disfarçados sob uma roupagem moderna. As novas correntes, ao invés de superarem realmente os fundamentos da Psicologia anterior, se limitam a deslocar os termos do debate, sem questionar de forma radical as bases teóricas e metodológicas herdadas. Para o autor, “*não se trata mais de submeter à crítica a forma que a Psicologia clássica dá a esses ensinamentos, mas sim as próprias abordagens que os engendram*” (Politzer, 1947b, p. 22, grifos do autor, tradução nossa).

Essa fundamentação de Politzer é mais desenvolvida, de novo, no texto sobre a crise, onde o autor destaca a postura conciliatória dos próprios críticos da Psicologia clássica, que orientaram suas críticas de modo que elas fossem rapidamente assimiláveis, sem abalar os alicerces do campo. Em outras palavras, o que se apresenta como ruptura é, na realidade, uma acomodação estratégica. O autor adverte que alterações de vocabulário ou de ênfase não correspondem, necessariamente, a transformações

efetivas nos fundamentos, de modo que a chamada “nova Psicologia”, longe de representar uma ruptura radical com a Psicologia clássica, configura-se, em muitos aspectos, como uma simples atualização.

Politzer evidencia que grande parte das chamadas críticas à Psicologia clássica permanecem superficiais, pois não atingem seus fundamentos e a forma como essa Psicologia elabora seus próprios problemas. Esse procedimento, longe de abalar as bases da Psicologia clássica, permite que ela se mantenha intacta, reivindicando inclusive que tais críticas não passam de ajustes de detalhe. Outros, ainda mais cautelosos, evitam qualquer confronto direto: não analisam a Psicologia clássica a partir de como ela é, mas apenas afirmam que ela não corresponde ao que deveria ser. Assim, para Politzer, são críticas que evitam um confronto direto com os fundamentos da Psicologia clássica, e que a deixa, pelo contrário, mais fortalecida.

O autor é enfático ao afirmar ser “*impossível justapor tendências que se negam mutuamente*” (Politzer, 1973a, p. 34-35, grifos nossos). Esse ponto possui uma repercussão na crítica ao bergsonismo, quando Politzer afirma que, em Bergson, “trata-se quase sempre de ‘mal entendidos’, de ‘falta de *finesse*’ – como se o erro residisse apenas em uma questão de palavras e a verdade, na sutileza” (Politzer, 1947a, p. 97-98, tradução nossa). Politzer acrescenta ainda que “mesmo abstraindo seu conteúdo, o bergsonismo está abaixo do nível das grandes filosofias: ele formula os problemas em termos pequenos demais para que as soluções possam ser grandes” (p. 98, tradução nossa).

Outro problema analisado em Bergson diz respeito a sua abordagem do concreto, tema caro para Politzer. Ele argumenta como, mesmo com a incorporação do “concreto” em sua obra, Bergson desenvolve uma teoria que é intuicionista e que realiza uma metafísica do concreto. Segundo Politzer, o concreto em Bergson é misterioso e inalcançável, quando, na verdade, de acordo com a teorização politzeriana, o concreto é algo compreensível e presente, se visto sem ilusões.

Para Bergson e os bergsonianos, o concreto é de uma natureza delicada, é algo que só se pode tocar com a mais extrema *finesse* e a maior emoção, a que se aplicam os adjetivos mais sutis: móvel, em processo de formação, etc... Mas não se percebe que, no fundo de tudo isso, há uma ilusão: não é pelo concreto que nos sentimos emocionados, mas pelo esforço de apreender o concreto; e, por não conseguirmos apreendê-lo, por não podermos apreendê-lo, acabamos por declará-lo inatingível, criando mil mistérios em torno dele.

Mas o concreto não é nem frágil, nem delicado, nem fugidio, nem inapreensível [...] Em todo caso, ele está aí, em toda a sua simplicidade e com dimensões normais, e teria bastado a M. Bergson vê-lo, como outros o viram na Psicologia ou em outros campos – mas justamente, ele não o viu (Politzer, 1947a, p. 33-34, tradução nossa).

Politzer não nega que o concreto seja complexo ou que sua apreensão exija esforço; sua crítica não reside na dificuldade, mas na maneira como Bergson transforma essa complexidade em inacessibilidade e mistério. Disso resulta que a emoção ou comoção abordada pelos bergsonianos não surge do concreto em si, mas do esforço e da frustração por não conseguir apreendê-lo plenamente.

Buscando evidenciar a inconsistência da filosofia bergsoniana, Politzer indica que, por um lado, se Bergson é de fato um grande filósofo, então é necessário admitir que aquilo que ele chama de “concreto” não corresponde ao concreto e que a “vida” não exprime a vida real. Nesse movimento, Politzer

denuncia que a aparente originalidade de Bergson não reside em uma apreensão da realidade, mas na construção de uma metafísica do concreto. A crítica politzeriana alcança, assim, um tom de denúncia contra o esvaziamento no emprego do *concreto*, como um jargão ou recurso retórico, que por si mesmo, não indica uma apreensão efetiva da realidade. Assim, mesmo propostas que se apresentam como inovadoras revelam-se enraizadas nas mesmas bases que pretendem superar. A crítica de Politzer, nesse sentido, dirige-se à insuficiência de tais formulações, sobretudo quando recorrem a qualificações ou adjetivações que, em vez de transformarem a base teórica e a maneira como os problemas são colocados e examinados, apenas os recobrem com novas terminologias.

A crítica de Politzer a Bergson estende-se também à concepção de indivíduo. Segundo ele, Bergson concebe o indivíduo pelo conceito (Politzer, 1947a, p. 25), o que significa que a individualidade, longe de ser apreendida em sua concretude, é reduzida a uma construção abstrata. Para Politzer, essa operação dilui a singularidade concreta na generalização conceitual, de modo que a individualidade deixa de existir em sua realidade própria e passa a ser compreendida apenas como um constructo formal, acessível exclusivamente por meio da abstração conceitual. É nesse ponto que Politzer denuncia a afinidade entre a filosofia bergsoniana e o formalismo da Psicologia clássica. Tal como ele observa, é próprio do formalismo da Psicologia fazer uma abstração formal do indivíduo. A filosofia de Bergson, ao reduzir o indivíduo a um conceito e a uma generalização, acaba por reproduzir a *démarche* da Psicologia tradicional, que, em vez de apreender o sujeito em sua realidade concreta, constrói modelos formais que destacam por completo o indivíduo de sua existência.

Politzer postula que a abstração excessiva transforma os estados psicológicos em uma unidade homogênea, comparável a “uma bola de neve”, apagando a singularidade concreta do indivíduo. Ele ressalta que essa operação não permite compreender pessoas reais, mas apenas conhecer de modo formal “como se pode pensar um conjunto de realidades sob uma forma que as faça parecer como momentos de uma individualidade”, sem, contudo, fornecer qualquer conhecimento sobre os indivíduos tais como existem. A teoria, portanto, revela-se puramente abstrata e desvinculada da objetividade, funcionando como um exercício formal que mascara a realidade psicológica em vez de esclarecê-la, evidenciando a limitação teórica que reduz a complexidade da vida humana a generalizações conceituais.

A imagem da “unidade de uma bola de neve” sugere algo que parece coeso de fora, mas cuja consistência interna pode ser ilusória ou artificial. A crítica de Politzer, portanto, é direcionada à Psicologia clássica e ao seu abandono da vida humana e à substituição que realiza da multiplicidade dos indivíduos concretos por uma multiplicidade de conceitos formais e abstratos. Além disso, Politzer demonstra como Bergson, que se apresenta como uma novidade frente à Psicologia clássica, reproduz os mesmos equívocos já colocados, uma vez que não ultrapassa a base sob a qual se erigem as teorias clássicas da Psicologia.

Politzer demonstra como Bergson escamoteia a vida concreta do homem e desenvolve sua argumentação problematizando conceitos e noções centrais da filosofia bergsoniana, como a duração (*durée*) e o problema da liberdade. Não será possível recuperar, em toda a sua extensão e profundidade, os

diversos elementos da crítica de Politzer. Entretanto, é possível destacar seus pontos mais centrais que, em última instância, contribuem para a retomada de sua análise da crise da Psicologia e para a compreensão de sua atualidade.

No texto sobre a crise, Politzer lança uma provocação que atravessa seu tempo e mantém-se atual: “quem ousaria recusar às *experiências*, às famosas experiências psicológicas, valor, verdade e duração [*durée*]?” (Politzer, 1947b, p. 24, grifos do autor, tradução nossa). A questão, formulada de modo incisivo, não busca simplesmente invalidar a Psicologia anterior, mas desvelar seus limites quando esta se encerra em formalismos e perde de vista o concreto da vida. O autor recusa a abstração vazia, típica do idealismo filosófico, que aprisiona a compreensão da vida real em conceitos desvencilhados da realidade. Com isso, evidencia sua perspectiva materialista, ancorada no pensamento de Marx, a quem recorre também nos momentos de conclusão de seu texto sobre Bergson, afirmando que “somente Marx denunciou o pacto que dava aos filósofos o céu em troca da terra, a lógica em troca do homem, os princípios em troca das instituições” (Politzer, 1947a, p. 100, tradução nossa). Torna-se evidente, assim, que Politzer se opõe a qualquer abordagem abstrata, insistindo que o humano só pode ser apreendido na análise da vida concreta, vida esta que ele designará como *drama*.

O drama humano como objeto da Psicologia

O emprego da noção de *drama* como categoria fundamental para a Psicologia, em Politzer, expressa uma ruptura decisiva com a tradição que concebia o indivíduo como entidade isolada e abstrata. Contra o psicologismo, que reduzia o humano a estados de consciência ou processos mentais, Politzer afirma que os indivíduos só podem ser compreendidos no contexto de suas ações e relações concretas. O indivíduo não é, portanto, um observador, mas o protagonista de situações vividas: alguém que age, desempenha “papéis”, escolhe e transforma o enredo de sua própria existência. Nesse sentido, o *drama* não é metáfora, mas o próprio modo de ser da vida humana: o entrelaçamento dinâmico entre o eu e o mundo, entre os indivíduos e suas relações, em meio aos acontecimentos da vida social.

Para o autor, “essa *vida humana* constitui (para designá-la com um termo conveniente do qual retemos apenas o significado cênico) um *drama*” (Politzer, 1947b, p. 36, grifos do autor, tradução nossa). Já em sua *Crítica dos fundamentos da psicologia* (1928), Politzer advertia o leitor para evitar o significado comovente ou “ressonâncias românticas” em torno da palavra drama. Politzer esclarece que o termo “drama” deve ser tomado em seu sentido cênico, e não em suas conotações românticas ou emocionais. Trata-se, para ele, de uma designação para a vida humana em sua efetividade, “um fato”, tal como ele próprio sublinha.

Um dos elementos-chave para entendimento do drama em Politzer consiste em sua crítica ao dualismo mente-corpo. O autor, tece um embate com a tradição clássica da Psicologia que, por um lado, adota a ideia do psiquismo como uma “substância” misteriosa ou isolada do mundo material, e que, por outro, se reduz a abstração de funções ou processos mentais isolados. A vida humana, sob essa

perspectiva, não é uma sequência de estados internos isolados, mas uma vida em cena, uma vida de ação, decisões, conflitos etc., ou seja, uma vida dramática.

O autor demonstra que, embora nossa existência tenha uma base natural e biológica, os atos de respirar, digerir e secretar hormônios, por exemplo, não dizem respeito a toda complexidade da vida humana, isto é, a vida não pode ser reduzida a esses processos. Ele coloca “ao lado” desses “fatos naturais” outros fenômenos, como o casamento, os crimes e o exercício de um ofício. Para ele, há apenas um plano onde a vida realmente acontece: o plano da vida propriamente humana. Somente por meio de um esforço de abstração é possível isolar a natureza desse plano.

Ele usa a expressão “ao lado”, mas reconhece que ela não é precisa: não há uma separação entre um plano supostamente biológico e outro humano. Na verdade, nossa vida cotidiana já é imediatamente humana. Só conseguimos separar “natureza” e “humanidade” por meio de um exercício de abstração. Assim, “vida biológica” e “vida humana” não constituem duas esferas distintas que convivem “lado a lado”. É a partir do “aspecto humano que nossa experiência imediata e cotidiana nos apresenta a vida”; a dimensão biológica só aparece isolada quando a recortamos artificialmente. O autor arremata: “sentimo-nos cercados de pessoas, e não de estruturas físico-químicas, e é apenas por meio de um esforço de abstração que posso ver, por exemplo, em meus amigos, coleções de pranchas de anatomia” (Politzer, 1947b, p. 36, tradução nossa).

O drama é, portanto, o plano onde ocorre a vida humana, composto por situações concretas, das mais cotidianas às mais complexas e decisivas para os indivíduos. O drama designa o campo em que a existência se desenrola de modo efetivo: o espaço das ações, intenções, papéis e relações em que os indivíduos vivem e se reconhecem mutuamente. Como observa o autor, “é incontestável que é no drama que colocamos, antes de tudo, nossa experiência cotidiana”. Assim, ele aborda os acontecimentos diários como eventos dramáticos, nos quais desempenhamos um papel e nos percebemos de maneira dramática. Enfatiza a dinâmica relacional intrínseca à vida dramática, na qual, além de nos percebermos, estabelecemos contato com o outro e o compreendemos.

Politzer propõe o drama como fundamento para uma Psicologia concreta, isto é, a Psicologia deve se ocupar dessa realidade dramática, e não da abstração de funções ou processos mentais isolados. Ele propõe uma nova base de estudo: compreender o humano em situações concretas, em relação. Contudo, essa originalidade dramática não implica uma substância metafísica especial. Ou seja, a vida dramática não é algo fora da natureza ou das condições materiais da existência humana. Casar, cometer crimes, enlouquecer, respirar, tudo ocorre no mundo, no espaço, no tempo (Politzer, 1947b, p. 38).

A Psicologia, portanto, não deve se orientar pela busca de leis gerais de funcionamento mental, mas pela compreensão do homem em sua unidade viva e concreta, “no plano do drama”, onde se desenrolam os encontros, os conflitos e as transformações que constituem a vida humana. Politzer também destaca o papel específico da Psicologia no estudo desse plano dramático, diferenciando-a de outras áreas, como a História, a Sociologia e a Economia Política. Para ele, os acontecimentos dramáticos possuem sempre um *hic et nunc* – um “aqui e agora” – o qual essas disciplinas podem apreender apenas em

quadros mais gerais, nos quais se desenrolam os dramas de cada geração e os grandes temas dos quais esses dramas são variações. Já a Psicologia deve ocupar-se da singularidade concreta desses dramas, tal como são vividos por cada sujeito. Sobre isso, postula

O Sr. ... não teria se *casado* com a Srta. ... se, em nossa sociedade, o casamento não existisse como uma instituição; mas essa constatação não atinge o drama em sua precisão individual. E, do mesmo modo, a Economia Política nos ensina quais são as condições econômicas do crime, por que em uma sociedade burguesa deve haver necessariamente crimes, mas não por que *tal* indivíduo cometeu precisamente *tal* crime. (Poltzer, 1947b, p. 39, grifos do autor, tradução nossa)

A própria crítica de Poltzer ao método intuitivo de Bergson reforça essa exigência de uma Psicologia voltada para a vida dramática. No exemplo sobre o amor, ele mostra que a intuição bergsoniana é capaz de captar apenas “as qualidades *sui generis*, o movimento particular” e a “coloração singular” de um amor, mas nunca o fato preciso de por que *tal* pessoa ama *aquela* outra pessoa (Poltzer, 1947a, p. 30, tradução nossa). Esse limite é decisivo: a intuição, embora revele tonalidades da experiência, não consegue explicar a singularidade concreta do acontecimento dramático.

Citando novamente o casamento como exemplo, o autor destaca que, ao retirar do casamento seu *hic et nunc*, isto é, seu “aqui e agora”, deixamos imediatamente “de falar de Psicologia” e passamos ao terreno de outras disciplinas, como o Direito, a História ou a Sociologia. Isso ocorre porque, para que um acontecimento seja considerado psicológico, é indispensável que seja entendido como vivido por indivíduos concretos em sua singularidade. Como afirma o texto, “faculdades mentais, ideias, processos não se casam”: quem se casa são pessoas reais, em situações determinadas. Quando se substituem os indivíduos por abstrações, “a realidade do fato dramático desaparece instantaneamente” (Poltzer, 1947b, p. 60, tradução nossa). Assim, o autor reforça que o drama psicológico só pode ser apreendido no plano concreto da existência, onde sujeitos singulares agem e são afetados no aqui e agora.

Dando continuidade a essa concepção, o autor afirma que “o objeto da Psicologia é dado pelo conjunto dos fatos humanos, considerados em sua relação com o indivíduo humano”, isto é, enquanto esses fatos “constituem a vida de um homem e a vida dos homens”. Assim, um acontecimento como o casamento é um fato psicológico “apenas enquanto é um casamento”, realizado por sujeitos concretos “em circunstâncias particulares”. No entanto, esses mesmos eventos humanos possuem uma estrutura própria e obedecem a uma determinação histórica e social que o psicólogo “deve conhecer para depois poder considerar os mesmos eventos em relação ao indivíduo” (Poltzer, 1947b, p. 114, tradução nossa).

Outro exemplo apontado pelo autor diz respeito ao trabalho. Para Poltzer, sem indivíduos humanos, o trabalho aparece apenas como um “fato econômico”. Ele destaca algo que, à primeira vista, pode parecer óbvio: o trabalho não existe como um fato puramente econômico, independente dos indivíduos. Ainda assim, não se podem realizar investigações ou intervenções sem compreender o fundamento do trabalho, sua natureza econômica e seu papel na organização social. Caso contrário, como no exemplo da psicotécnica, corre-se o risco de destacar os indivíduos de uma compreensão mais ampla sobre o trabalho e a economia, recaindo em “devaneios idealistas” (Poltzer, 1947b, p. 114, tradução nossa).

Nesse sentido, Politzer indica que há aspectos gerais do trabalho que precisam ser considerados, mas também há a necessidade de entendê-lo como parte da vida dramática dos indivíduos, isto é, em um conjunto que integra tanto suas determinações mais amplas quanto aquelas específicas, próprias da vida dramática de cada pessoa. Trata-se de uma proposta que busca afastar, de um lado, o economicismo e, de outro, o idealismo subjetivo.

Nesse sentido, ao afirmar que “os fatos psicológicos não são, de fato, senão fatos humanos na medida em que se relacionam ao indivíduo”, Politzer evidencia que a Psicologia não pode isolar os fenômenos. Na verdade, ela deve compreender o drama concreto da vida de indivíduos reais, em detrimento das construções abstratas, como dos processos em termos de faculdades mentais. Assim, quando sustenta que “a Psicologia em si só é possível inserida na economia”, o autor não está reduzindo os indivíduos a fatores econômicos, mas indicando que o drama humano – inclusive os conflitos, escolhas e ações subjetivas – só pode ser compreendido à luz das determinações históricas e materiais. Para Politzer, a economia e as relações sociais não são um pano de fundo, mas determinações indispensáveis para uma Psicologia concreta (Politzer, 1947b, p. 116-117, tradução nossa). Quando Politzer afirma que “não existe uma psicologia sem economia”, ele enfatiza que todo fato psicológico é atravessado por determinações materiais que, embora “não se reduzam somente à matéria”, constituem a base indispensável para compreendê-lo.

Isso se torna ainda mais evidente quando Politzer afirma que “é preciso considerar o indivíduo nas situações em que ele se encontra”. Antes de tudo, ele adverte que “não queremos dizer que o papel da Psicologia consiste em buscar, por trás dos fatos psicológicos, a determinação econômica; dizemos apenas que a análise completa dos fatos psicológicos efetivos revela essa determinação” (Politzer, 1947b, p. 123, tradução nossa). Ou seja, a Psicologia não deve forçar uma explicação econômica para cada fenômeno, mas reconhecer que, quando analisados em sua concretude, os fatos psicológicos mostram-se enraizados nas condições materiais e sociais da existência humana.

Com efeito, não basta considerar o indivíduo como um todo e examinar suas reações em situações dadas. É preciso ainda considerar o indivíduo tal como ele realmente é e as situações tal como elas realmente são. É necessário, em outras palavras, uma concepção verdadeiramente concreta tanto do indivíduo quanto das situações humanas. (Politzer, 1947b, p. 123, tradução nossa)

O indivíduo não está separado do mundo, nem se limita a reagir às situações. Não é possível compreendê-lo no vazio. Assim, uma Psicologia verdadeiramente concreta deve apreender o indivíduo em unidade com as condições objetivas (“situações humanas”) que moldam seu drama, suas escolhas e suas contradições, permitindo compreendê-lo “tal como ele realmente é”. Politzer propõe, portanto, uma mudança radical para a Psicologia: ela deve partir do drama da vida real, das situações humanas, e não de categorias abstratas.

O “drama” designa, aqui, a realidade viva da existência humana, suas tensões, lutas e contradições.¹⁰ Politzer critica uma Psicologia que, em vez de abordar essa realidade de modo direto, se apoia em conceitos abstratos e postulações metafísicas, afastando-se do real. É a partir desse diagnóstico que

formula as bases da chamada *Psicologia concreta*: uma Psicologia que toma como ponto de partida a vida vivida e o drama humano real.

Considerações finais

Politzer, ao propor uma “*connaissance pratique de l’homme*” [conhecimento prático do homem] (Politzer, 1947b, p. 40), faz um convite para a superação tanto do empirismo ingênuo quanto das Psico-logias idealistas, avançando na direção de uma ciência nova: uma Psicologia do drama humano real, sem perder o contato com a vida vivida. É sob essa perspectiva que se delinea o núcleo da *Psicologia concreta*, cuja tarefa é apreender o indivíduo em sua unidade com as situações humanas, preservando a dimensão prática, histórica e contraditória da existência que as abordagens tradicionais tendem a elidir. Seu objeto é o drama humano real, cuja origem, como o próprio Politzer indica, remonta ao teatro e à literatura, isto é, ao esforço de compreender os homens que vivem e agem em situações concretas. Contudo, esse ponto de partida não significa reduzir a Psicologia ao domínio estético: trata-se, antes, de desdobrar o *estudo do homem concreto* sob bases científicas (Politzer, 1973a, p. 116).

Politzer insiste que o drama não deve ser confundido com a “vida interior” (Politzer, 1947b, p. 118). Essa criação de uma vida interior escamoteia, segundo o autor, aquilo que de fato existe: “com a criação da vida interior, introduz-se assim no devir das coisas humanas um imenso buraco” (Politzer, 1947b, p. 131, tradução nossa). Critica, então, a Psicologia idealista por ocultar a realidade a partir de construções abstratas de suposta profundidade. Sua proposta de uma Psicologia concreta parte da objeção ao idealismo que, segundo o autor, transmuta em nada coisas reais, se ocupa de descrições e que faz desaparecer “o homem que vive e age”, assim como “as coisas que ele faz, os acontecimentos dos quais depende” (Politzer, 1947b, p. 133).

Se a ideia de uma “vida interior” conduz a um “palco onde nada pode acontecer”, por outro lado, a aproximação com as ciências da natureza como possível forma de solucionar o problema do idealismo também se apresenta como problemática para o autor. Nessa direção, ele retoma uma oposição que se tornou terreno comum no âmbito científico, a saber, a cisão entre as ciências da natureza e as ciências humanas, ou, como irá mencionar no caso da Psicologia, entre a Psicologia naturalista [*Naturwissenschaftliche Psychologie*] e a Psicologia das ciências do espírito [*Geisteswissenschaftliche Psychologie*]. A primeira, busca aplicar as ciências da natureza (como a Física ou Biologia) à Psicologia, enquanto a segunda incorre em um subjetivismo, colocando os fatos psicológicos no plano simbólico ou abstrato, muitas vezes intangível.

Ele aborda, então, como a tendência das ciências do espírito, da Psicologia enquanto estudo da “alma”, dominantes por muito tempo, assistiram a chegada da “era das ciências da natureza”, de modo que “aqueles que hoje passam seu tempo soprando as chamas espirituais estariam soprando apenas cinzas” (Politzer, 1947b, p. 95, tradução nossa). Essas mudanças remetem à busca por atender critérios de cientificidade baseados no positivismo, nas ciências “duras”, valendo-se de “cálculos e medidas” como critérios.

Mas chegou a era das ciências da natureza. A “ciência da alma” quis tornar-se uma ciência da natureza. Os teólogos vestiram jalecos brancos e esconderam São Tomás dentro de cilindros de gravação. Já que era o tempo das declarações positivistas e da instalação de laboratórios, já que “cálculo e medida” haviam se tornado os novos critérios. (Poltzer, 1947b, p. 95, tradução nossa)

Segundo ele, as exigências científicas encontravam-se satisfeitas no manejo estéril de aparelhos e na “obtenção de alguns dados estatísticos que habitualmente não sobrevivem à sua publicação” (Poltzer, 1973a, p. 17-18). Seria uma forma de rejeitar a metafísica por meio do “formalismo insípido, ajudado por uma complacência universal e pelos aplausos de todos aqueles para quem a ciência se reduz aos lugares comuns da metodologia.” Esse “lugar comum da metodologia” oferecia um refúgio que tinha possibilidades de sobreviver ao abrigo da crítica. De forma bastante irônica, coloca

Que orgulho e que alegria! Os psicólogos possuem laboratórios e publicam monografias... Acabaram-se as disputas verbais: *calculamos!* Extraem-se os logaritmos dos cabelos, e Ribot calcula o número de células cerebrais para saber se podem alojar todas as ideias. Nasceu a psicologia científica! (Poltzer, 1973a, p. 17, grifo do autor)

Ou seja, a Psicologia se manteve num impasse: entre o cientificismo positivista estéril e a vagueza abstrata e teológica (“esconderam São Tomás”). De um lado, a busca cega e mecânica pelo modelo de exatidão das ciências naturais, tentando aplicar matemática e experimentação¹¹ ao psiquismo; de outro, há o reconhecimento da especificidade dos fenômenos psíquicos de modo idealista. Poltzer critica ambas as formas por transformar o drama real da existência em construções vazias, que desviam a Psicologia de seu verdadeiro objeto. Em oposição, defende uma Psicologia voltada para o drama humano vivido, sem reduzi-lo a esquemas teóricos. Ao invés de partir de noções abstratas e formais, como “faculdades da alma”, deve-se analisar os fatos dramáticos da vida humana. Para ele, deve-se abandonar as definições teóricas vagas e a tentativa de encaixar os fatos da própria realidade no interior delas. Deve-se, ao contrário, “deixar que os fatos determinem as categorias teóricas” (Poltzer, 1947b, p. 66, tradução nossa).

Ao criticar as duas tendências na Psicologia, aponta as suas debilidades, como propõe uma superação, não só por meio de novas formulações. Poltzer afirma que “de momento não é de formulações que se trata, mas de uma nova orientação” (Poltzer, 1973a, p. 13). Ele reconhece que essa novidade só pode ser compreendida à luz de uma série de oposições que vêm sendo progressivamente precisadas em seus escritos (Psicologia naturalista x Psicologia das ciências do espírito, Psicologia clássica e Psicologia “nova”). Porém, segundo ele, a oposição entre a Psicologia clássica e a Psicologia concreta é a mais precisa, pois melhor expressa o verdadeiro sentido da crise da Psicologia baseado no conflito entre idealismo e materialismo.

Somente ao reconhecer essa raiz efetiva a crítica psicológica pode avançar, superando as ambiguidades e nuances que frequentemente encobrem esse embate fundamental. Com efeito, Poltzer rejeita que sua proposta seja um *juste milieu* (meio-termo), ou um compromisso conciliatório entre essas oposições. Argumenta que a Psicologia concreta busca oferecer não um meio-termo, mas uma verdadeira síntese (Poltzer, 1947b, p. 82). Desse modo, a proposta poltzeriana defende uma Psicologia realmente capaz de superar tais dicotomias e a sua crise, o que segundo ele, não acontecerá “por meio de reformas

superficiais, mas por uma reconstrução rigorosa” capaz de se ocupar do “drama humano como núcleo do objeto psicológico” (p. 86).

Também no texto sobre a *Crítica*, Politzer aborda essa problemática, porém chega a mencionar a antítese entre objetividade e subjetividade, a qual a Psicologia, conforme o autor, se mantém presa. Para Politzer, a Psicologia precisa romper com as tentativas de equacionar o problema por meio do ecletismo vulgar, com vistas a uma síntese no verdadeiro sentido do termo. A Psicologia concreta, nesse sentido, seria a síntese entre uma Psicologia subjetiva e uma Psicologia objetiva, tendo o drama como campo de estudo (Politzer, 1973a, p. 111-112).

Crítico às adjetivações como forma de “salvar” uma apreensão desfigurada do real, Politzer denuncia as “palavras de ordem” que, de um lado, empreende uma “resistência passiva” e, de outro, uma “perseguição feroz”. Ele afirma que, “os defensores da Psicologia clássica ainda esperam, mais uma vez, salvar-se mudando apenas a linguagem”, e aqueles que apresentam uma vontade de renovação, possuem declarações menos sinceras do que se pode crer.

[...] que os psicólogos – por mais divergentes que sejam – estão, no fundo, bastante de acordo quanto a certos limites que não querem de forma alguma ultrapassar, limites dentro dos quais a psicologia, em sua maioria, se mantém instintivamente, e que mantêm a “resolução da crise” e a “renovação” no estado de temas inofensivos e puramente acadêmicos. (Politzer, 1947b, p. 87, tradução nossa)

Politzer é, novamente, bastante enfático em suas críticas, especialmente ao dizer que não basta atuar frente aos limites dessas tendências colocadas por meio de uma mudança de linguagem, referindo-se à necessidade de se afastar do “jargão técnico dos psicólogos e esquecer o tumulto das disputas entre escolas divergentes que, na realidade, se assemelham todas” (Politzer, 1947b, p. 88, tradução nossa). Para ele, a Psicologia permanece estagnada. Apenas uma mudança de terminologia é insuficiente, podendo ser “bem acolhida” por aqueles que “querem se beneficiar do prestígio ligado ao adjetivo ‘concreta’”, segundo o autor, que conclui mencionando como a ideia de uma Psicologia concreta foi, de fato, bem recebida, sobretudo na França. Denuncia o oportunismo e a falta de coerência teórica dos psicólogos que não enfrentam o debate de forma honesta, mas simulam adesão a uma proposta (a Psicologia concreta) que se contrapõe aos fundamentos da Psicologia tradicional. Para ele, essa falsa adesão apenas revela a crise da Psicologia: incapaz de se renovar de forma autêntica, tenta se proteger por meio da retórica e da camuflagem terminológica.¹²

Politzer observa a súbita adesão de diversos intelectuais à Psicologia concreta, alertando para a superficialidade e oportunismo de tal movimento. Assinala que tal aproximação ocorria por conveniência e prestígio, sem o verdadeiro entendimento ou comprometimento com os fundamentos teóricos da proposta. Nesse contexto, rejeita os elogios fáceis que tentaram transformar a Psicologia concreta em uma moda vazia, e afirma que ainda é necessário esclarecer com rigor a diferenciação desde os pressupostos dessa proposta, a fim de evitar que ela seja distorcida ou banalizada.

A própria ideia de uma Psicologia concreta, aliás, tem pouca importância. O essencial é que se tem a impressão de que o concreto está na moda. É por isso que todo mundo declara estar de acordo com o “princípio”. Naturalmente, porque o “fundo”

está pronto há muito tempo – e deve justamente permanecer imutável. Essa é toda a questão. (Poltzer, 1947b, p. 98, tradução nossa)

E continua: “se, no lugar de Psicologia concreta, tivéssemos pregado a Psicologia aquática, se no lugar do drama, a via láctea fosse o objeto da Psicologia, todo mundo teria dito coisas semelhantes, desde que se pensasse que o aquático estivesse na moda” (Poltzer, 1947b, p. 98, tradução nossa). A crítica dura de Poltzer “aos feitos terminológicos” prossegue, repleta de sarcasmo: “e o Sr. Brunschvicg teria nos escrito: ‘sempre fui partidário dessa Psicologia aquática da qual vocês falam. Assim como sempre gostei de... Debussy.’”

Porém, o compromisso de Poltzer não está em apenas entrar em polêmicas, mas em demarcar, mais do que nunca, as diferenças e a necessidade de se buscar uma mudança de orientação, de pressupostos, no interior da Psicologia. Ou seja, depois de afirmar que a Psicologia concreta “tem algo melhor a fazer do que salvar a teologia”, pois a mesma “não é simplesmente papel de embrulho para a Psicologia clássica”, ele complementa que é preciso “lembrar aquilo que, em toda essa batalha, havia sido esquecido: a saber, que uma ciência positiva [não positivista] deve se ocupar de fatos reais” (Poltzer, 1947b, p. 100-101, tradução nossa).

Diante disso, a crítica de Poltzer não se limita a apontar impasses teóricos, mas revela a própria *epopeia de desilusões* que marca a trajetória da Psicologia, na qual sucessivos “novos programas” são lançados com a promessa de renovar esperanças e assegurar, enfim, fundamentos sólidos para a disciplina. Essa história irregular, marcada pela diversidade de tendências e por recorrentes renascimentos da ilusão, contribuiu para que muitos psicólogos se entricheirassem em posições cômodas, preservando modelos abstratos em vez de confrontar seus limites. Poltzer, ao contrário, insiste que uma Psicologia concreta deve recolocar-se diante da realidade, recusando as “sabedorias” que conclamam o homem a voltar-se para dentro, introverter-se, justamente quando é preciso forçá-lo a sair de sua forma atual (Poltzer, 1973a, p. 32). Assim, recuperar o indivíduo enquanto *sujeito da vida* constitui a exigência fundamental para uma reorientação efetiva da Psicologia, uma tarefa ainda aberta, mas da qual Poltzer foi um dos mais lúcidos precursores e um autor decisivo para recolocar o problema em seus termos fundamentais.

Referências:

- BIANCO, G. Introduction. In: BIANCO, G. (Org.). **Georges Poltzer, le concret: psychologie, philosophie et politique et sa signification**. Paris: Hermann Éditeurs, 2016. p. 5-43.
- BRUYERON, R. Combattre en philosophe: les écrits clandestins de Georges Poltzer (1939-1942). **Revue Philosophique**, Paris, n. 3, p. 303-314, 2002.
- BRUYERON, R. Le drame de Georges Poltzer. In: POLITZER, G. **Contre Bergson et quelques autres: écrits philosophiques 1924-1939**. Paris: Flammarion, 2013. p. 7 et seq.
- BRUYERON, R. Le concept de drame dans l'œuvre de Georges Poltzer. In: BIANCO, G. (Org.). **Georges Poltzer, le concret: psychologie, philosophie et politique et sa signification**. Paris: Hermann Éditeurs, 2016. p. 83-110.
- CLOT, Y. **Découvrir Vygotski**. Paris: Sociales/La Dispute, 2024.

FREUD, S. Die Traumdeutung. v. 2. In: **Studienausgabe**. Frankfurt: Fischer, 1982. (Obra original publicada em 1900).

FREUD, S. La interpretación de los sueños. v. 4–5. In: STRACHEY, J. (Org.). **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1998. (Obra original publicada em 1900).

GEORGE, J. La Pensée: 1939-1944. **La Pensée**, Paris, v. 399, n. 3, p. 58-68, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/lp.399.0058>. Acesso em: 16 jan. 2026.

POLITZER, G. **Le bergsonisme: une mystification philosophique**. Paris: Éditions Sociales, 1947a.

POLITZER, G. **La crise de la psychologie contemporaine**. Paris: Éditions Sociales, 1947b.

POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da Psicologia I**. Tradução de C. Jardim; E. L. Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1973a.

POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da Psicologia II**. Tradução de C. Jardim; E. L. Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1973b.

POLITZER, G. O fim da psicanálise. Tradução de G. C. Oliveira Silva. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, n. 3, 2017. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2017/04/28/n3-14/>. Acesso em: 16 jan. 2026.

VYGOTSKY, L. S. Concrete human psychology: an unpublished manuscript by Vygotsky. **Soviet Psychology**, v. 27, n. 2, p. 53-77, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.2753/RPO1061-0405270253>. Acesso em: 16 jan. 2026.

¹ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), com período de doutorado sanduíche na Universidade de Creta, Grécia. Mestre em Serviço Social e psicóloga pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisadora do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural da UFSJ (LAPSIHC-UFSJ). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2844757570441480>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8873-6829>. E-mail: mirandafurtuoso@gmail.com.

² Psicólogo, Mestre e Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor Associado IV do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Membro da equipe de coordenação do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural da UFSJ (LAPSIHC-UFSJ). E-mail: mdvecchia@ufsj.edu.br

³ Georges Politzer (1903–1942) nasceu em Nagyvárad, então parte do Império Austro-Húngaro (atual Oradea, Romênia), e radicou-se na França.

⁴ *Princípios fundamentais de Filosofia* não foi escrito como um livro acabado. A obra foi organizada por Guy Besse e Maurice Caveing após a morte de Politzer, a partir de registros de alunos que frequentavam suas aulas na Université Ouvrière de Paris.

⁵ Para um panorama sobre o fenômeno de “oblição por incorporação” em relação a Politzer, ver Bianco (2016, pp. 24-33).

⁶ Trata-se do texto “O fim da psicanálise”, redigido por Politzer dez anos após a publicação da *Crítica dos fundamentos da Psicologia*. Publicado logo após a morte de Freud, o texto assume um tom polêmico, ao sustentar que o esgotamento da psicanálise não se deve ao falecimento de sua principal referência, mas à constatação de suas próprias fragilidades internas (cf. Politzer, 2017).

⁷ Politzer não parece estabelecer uma distinção entre os termos *singular* e *particular*, utilizando-os de forma intercambiável.

⁸ A questão da psicanálise enquanto *Naturwissenschaft* [ciência da natureza] é, por si só, de grande complexidade e poderia constituir objeto de estudo independente. Cabe enfatizar aqui, que Politzer também situa sua crítica nesse ponto, observando que Freud recorre a noções naturalistas, como as necessidades de adaptação à vida e energia psíquica.

⁹ O uso de “duração” (*durée*) por Politzer parece constituir um jogo irônico com o conceito bergsoniano, deslocando-o para questionar a validade das experiências psicológicas tradicionais.

¹⁰ Bruyeron (2013), ao discutir o drama em Politzer, enfatiza o papel ativo dos indivíduos, que sempre possuem a capacidade de fazer de si algo diferente daquilo que as circunstâncias fizeram deles; é nesse ponto que o drama começa e se sustenta. O autor destaca que essas circunstâncias constituem condições contra as quais os indivíduos podem se insurgir ou que, por vezes, podem lhes ser favoráveis.

¹¹ Politzer critica em vários momentos a tendência de matematizar a Psicologia e de recorrer aos experimentos como solução metodológica capaz de conferir exatidão. Ele denuncia a “magia dos números” como ilusão de rigor (Politzer, 1973a, p. 19) e compara certos usos de esquemas e formalizações a uma “alquimia”.

¹² Politzer adverte que a simples adoção de termos como “Psicologia materialista” é insuficiente para exprimir uma transformação efetiva na orientação da disciplina, pois o problema não é terminológico, mas diz respeito a uma mudança radical na própria colocação e tratamento dos problemas. Além disso, cita os problemas vinculados ao materialismo vulgar, como o reducionismo biologizante (cf. Politzer, 1947b, p. 102-103).

Recebido em: 25 de jan. 2026

Aprovado em: 05 de jun. 2026